

Música e linguagem: modalidades do pensamento poético

Jordanna Duarte

Universidade Federal de Goiás
jordannaduarte@gmail.com

Werner Aguiar

Universidade Federal de Goiás
werneraguiar@gmail.com

Pretendemos concentrar nossa reflexão sobre a música em sua relação com a linguagem e a poesia tendo como fundamento epistemológico o pensamento poético e a ontologia heideggeriana. Neste perfil, entenderemos a linguagem não somente como mediadora das relações homem/mundo mas como a própria relação entre estes. No percurso do delírio que a linguagem nos provoca, a ideia de algum controle se esvai, pois, sendo a linguagem originária em sua dimensão, permite a manifestação da língua, mas aí não se esgota. Buscamos compreender a música enquanto dimensão poética e co-extensiva ao ser humano e ressaltar a possibilidade de uma pesquisa poética em música. Enquanto dimensão co-extensiva do ser humano, a poesia/música tanto se manifesta no poeta/músico quanto nos leitores/ouvintes e, como obra de arte, só possuem sentido porque estão numa relação. Essa relação é o modo como a linguagem (manifestação do ser-música, ser-poesia) se revela em seu modo essencial: o da manifestação de sentido. Nas bases do pensamento poético, música e linguagem se convocam e evocam uma à outra, sem, no entanto, transformar essa relação em função ou atributo mas enquanto instâncias que se co-habitam.

Palavras-chave música, linguagem, pensamento poético, Ontologia

We intend to focus our thinking about music in its relationship with language and poetry HAVING AS epistemological foundation poetic thought and Heidegger's ontology. In this profile, WE understand the language not only as a mediator of the man / world but as the relationship itself between these relationships. In the course of delirium that THE language provokes us, the idea of some control vanishes, then, being the original language in its size, allows the manifestation of language, but there it is not exhausted. We seek to understand the music as poetic dimension and co-extensive with the human being and emphasize the possibility of a poetic music research. While co-extensive dimension of the human being, poetry / music manifests itself both in the poet / musician as the readers / listeners, and as a work of art, only have meaning because they are in a relationship. This relationship is the way language (manifestation of the music-be-poetry) is revealed in his essential way: the manifestation of meaning. On the bases of poetic thought, music and language are summon and evoke each other, without, however, transform this relationship in function or attribute but as instances that co-inhabit.

Keywords music, language, poetic thought, Ontology.

Esclarecemos que tomaremos a palavra poesia não como um arranjado de versos rimados ou livres. Para nós, antes de tudo, a poesia está além das palavras, uma espécie de linguagem não utilitária e que, por isso mesmo, não se retrai em conceitos formais. SARTRE (2004) expressou que “a poesia não se serve de palavras”, mas que “antes ela as serve” (p. 13). Em sua base etimológica, poesia provém do grego *poiein*, que significa realizar, fazer, fabricar, produzir. Deste verbo, derivam as palavras *poiesis*, poema, poeta, poético. Desta forma, a poesia ou poética

é a interpretação filosófica do que é a arte, isto é, o poeta, o poema e a poiesis. [...]. Ao lado da Poética filosófica, que pensa as obras poéticas por um paradigma que lhes é externo, podemos também pensar outra Poética, que se origina na dinâmica do próprio fazer poético. Há, portanto, duas Poéticas: a que nos advém na palavra do filósofo e a que nos advém na palavra do poeta, ou seja, nas obras como manifestação da poiesis. [...]. Seja na palavra do filósofo, seja na voz do poeta, Poética e poiesis radicam na questão da interpretação. Examinar os diferentes aspectos da interpretação é lançar luz sobre a Poética e a poiesis (CASTRO, 1998, p. 2).

A música é uma arte poética porque cria, instaura sentidos a partir do que ela própria é, da apresentação de si mesma, isto quer dizer, do ser música em sua forma substantivada e que, por esse motivo “não admite qualquer formulação predicativa. Ela é a apresentação de si mesma e nesta apresentação se dá o sentido. Por não necessitar nem apresentar-se numa dimensão adjetiva, na verdade, a música se dá numa instância não-representativa. Ela é” (JARDIM, 2005, p. 151). Sendo, a música inaugura-se em seu próprio espaço e tempo, o que a leva a transpor limites: “sua transcendência espaço-temporal se dá quando é capaz de transcender aquilo que, porventura, qualquer época lhe tenha associado representativamente” (*op. cit.* p. 153) ou, em outras palavras:

A música carrega consigo a possibilidade de instauração de uma determinada espaço-temporalidade. Esta espaço-temporalidade se constitui naquilo que entendemos por poética. A poética é, portanto a vigência, em qualquer realidade ou em qualquer realização, em qualquer espaço ou brecha no espaço, em qualquer tempo ou lapso de tempo, do que na música é música (*op. cit. p. 155*).

O que notamos é que ao longo do tempo a compreensão da realidade pelo pensamento poético foi, cada vez mais, sendo substituída pelo predomínio de conceitos metafísicos do pensamento. Esse predomínio converteu a reflexão sobre a música a partir da implantação da predicação, ou seja, de uma estrutura que permite compreender e representar o real, a música, a partir de uma função, onde um elemento passa a ser o atributo, o adjetivo do outro e isto, por exemplo, podemos notar facilmente nas formulações que afirmam, categoricamente, que a música é... um outro algo, um adjetivo.

Assim, nossa proposta caminha em sentido contrário a esta visão adjetivante do pensamento metafísico e busca trazer à tona o pensamento poético. Para isto, a perspectiva ontológica tornou-se a nossa base para pensarmos a música de forma não subjugada, excludente ou funcional, mas sim, substantivada. Ou seja, na perspectiva poética a condição de sentido da música não está em outra coisa a não ser nela mesma, sem necessidade de intermediações, pois, tal como afirma JARDIM (2005), “esta se presentifica sempre como música a despeito de qualquer formulação analítica” (p. 119). Refletir sobre música no âmbito da poética é caminhar ao encontro de sua dimensão essencial de relacionamento buscando de fato a questão da musicalidade enquanto dimensão co-extensiva ao ser humano.

No entanto, é importante lembrar e como JARDIM (2005) nos explica que há um contexto hegemônico da técnica nas ciências, que se constitui fundamentalmente a partir das noções de medida, identidade e representação, princípios que se apresentam dominantes na tradição meta-

física da Cultura Ocidental e que, por seus desdobramentos na história, são hoje entendidos como critérios prescritivos para o entendimento do real e que convertem a compreensão da verdade numa “adequação entre a proferição e o que é proferido” (p. 25). A medida determina padrões de conhecimento cuja instrumentalidade garante a identificação, a conformação e o ajustamento do objeto segundo critérios pré-estabelecidos e que suscitam uma representação desse objeto, como configuração básica e necessária para que o homem construa sua realidade e possa compreender seu espaço e tempo.

Na tradição metafísica da Cultura Ocidental em que a racionalidade e a causalidade aliam-se aos princípios de medida, identidade e representação, as relações que se evidenciam entre música e linguagem são compreendidas por intermédio de uma adjetivação, que as qualificam uma enquanto função da outra. É certo que a Metafísica é uma maneira de configurar o pensamento, não sendo, portanto, a única, e, diferentemente de seu modo, no âmbito ontológico, o relacionamento de música e linguagem deve ser compreendido em sua forma originária e substantiva. Dessa maneira, não cabe a formulação de que “música é linguagem”, reduzindo o verbo ser como simples elemento de ligação. Cabe, primeiramente, dizer que ‘música é’ e ‘linguagem é’, sem a intervenção de uma função, que subsume uma à outra, constituindo previamente uma adequação a uma ideia (JARDIM, 2005). Somente quando música e linguagem se apresentam em sua dimensão substantiva é que elas podem conviver e interagir

não de modo que um pertença ao outro, como ad-jetivo, quer dizer, algo que se projete de fora, mas como os respectivos seres podem se articular, de modo que um possa ser compreendido como referência para o outro, de modo a que um traga ou leve o outro consigo não como um subordinado, mas como uma alteridade necessária e suficiente (JARDIM, 2004, p. 94-5).

A questão da linguagem gira em torno do seu conceito enquanto um sistema de comunicação essencialmente humano, destinado à expressão, dependente fisiologicamente dos órgãos da fala e que promove, através da língua (idioma), uma representação da realidade estabelecida entre significantes e significados. Essa maneira de configurar a linguagem, segundo HEIDEGGER (2003) “está correta e exata, pois corresponde ao que uma investigação dos fenômenos lingüísticos pode sempre constatar sobre a linguagem” (p. 11), porém essas explicações afastam-se da questão e essência da linguagem.

A essência da linguagem é a sua dimensão poético-ontológica, o lugar onde se dá constituição de sentido. Não configura meio, instrumento ou ferramenta que os homens dispõem para a comunicação/informação entre a consciência e o mundo ou entre os seres e o mundo (GADAMER, 2002). Ela é com o ser: a própria compreensão do ser se constituindo sentido. Para HEIDEGGER (2001) é a linguagem quem fala e o homem atende ao seu apelo “apenas e somente à medida em que co-responde à linguagem, à medida que escuta e pertence ao apelo da linguagem. [...] É a linguagem que, primeiro e em última instância, nos acena a essência da coisa” (p. 167-8), portanto, não há sentido dissociado de ser, nem ser dissociado de linguagem, porque não há possibilidade de constituição de sentido sem o ser. Por isso, Parmênides, no seu poema *Acerca da nascividade*, afirma que o não-ser é um caminho totalmente insondável como algo inviável, uma vez que não é possível conhecer o não-ente, uma vez que este não pode ser realizado, nem ser trazido à fala (*Os pensadores originários*, p. 45).

No diálogo com as obras de arte e no nosso caso, com a música, os conceitos lógico-formais sobre a linguagem nada nos trazem de novo e essencial, abandonando por completo a relevância da coexistência de música e linguagem. Se nos aproximarmos do vigor da linguagem e sua essência “necessariamente teremos que nos abrir para a presença e atuação e fundação da obra de arte tanto pela Linguagem como pela *Poiésis*” (CASTRO, 2006). Na poética a condição de sentido da música não

está em outra coisa a não ser nela mesma sem necessidade de intermediações, pois “esta se presentifica sempre como música a despeito de qualquer formulação analítica” (JARDIM, 2005, p. 119). A partir da perspectiva poética sobre música, poesia e linguagem, buscamos desenvolver uma reflexão de caráter ontológico para ex-por essas relações de forma não subjugada, excludente ou funcional, mas sim, substantivada, estabelecendo suas identidades para que ambas convoquem e evoquem a presença uma da outra sem, no entanto, transformar essa relação em função ou atributo.

Insistimos, porém, em explorar a caracterização de um tipo de pensamento que seja peculiar à música enquanto arte. A essa caracterização de uma circunstância que lhe é própria enquanto criação, chamamos isto de poesia. O poético não é um termo adjetivo simplificado que se usa quando não se possui a explicação racional para o real e “não é nenhum errante inventar do que quer que seja, não é nenhum oscilar da mera representação e imaginação no irreal. O que a poesia, enquanto projeto clarificante, desdobra na desocultação e lança na ruptura da forma, é o aberto que ela faz acontecer [...]”. (HEIDEGGER, 1990, p. 58).

A respeito da insistência em determinar a música a partir de representações JARDIM (2005) deixa claro que a

música é des-esquecimento, é des-velamento constante. Na sua incapacidade de representar o que quer que seja se con-junta e se con-vence na sua abertura para a experiência da verdade. Essa incapacidade é, a um tempo, sua maior debilidade e sua maior força. É precisamente por essa incapacidade e nessa incapacidade que a música penetra pelos vãos de toda e qualquer forma artística, quer dizer: é por essa impossibilidade de se identificar com o que quer que pretenda ou se pretenda nela representar que, sorrateiramente, ela pode penetrar, invisível, como as musas, ‘oculta por muita névoa’, nos limites de qualquer outra arte. [...] Música é, assim, a possibilidade de instauração do poético. Música é a essência mesma da criação de uma espaço-temporalidade

poética. Espaço-temporalidade esta que converta em óbvio o que possa parecer absurdo, e vice-versa (p. 153).

A despeito de qualquer matematização do pensamento musical, a música instaura sentidos a partir da sua própria apresentação, numa relação com o ser humano e não necessita ser atributo ou função de nenhuma outra expressão artística ou lingüística ou metafísica, porque a “música é uma modalidade do pensar-poético. Fora daí ficam os simulacros, os modismos, as representações” (JARDIM, 2005, p. 185).

Explorando seu sentido chegamos à reflexão de que a música tem um modo próprio de manifestar-se, isto é, ela é substantiva e como tal é refratária a adjetivações, predicacões, embora, a metafísica – a tradição predominante do pensamento ocidental, tenha conferido primazia ao pensamento representacional, isto é, o pensamento matemático e matematizante, em outras palavras, o saber que pode ser ensinado e aprendido em todos os tempos e em todos os lugares, a despeito da experiência pessoal e singular e, a música, ao contrário, assim como toda arte, sustenta-se na experiência do singular e essa é a experiência dita poética.

Referências

CASTRO, Manoel Antonio de. *Poética e Poiesis: a questão da interpretação*. Texto para concurso de titular de poética do departamento de Ciências da Literatura, da Faculdade de Letras da UFRJ. 1998.

_____. *Poiesis e linguagem*. Disponível em: <http://travesiapoeitica.blogspot.com/2006_06_01_archive.html>. Acesso em: 15/08/14.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Vol. II. Complementos e índice. *Warheit und method*. Trad. de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. A linguagem. In: HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 7-26.

_____. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *A origem da obra de arte*. Título original: *Der Ursprung des Kunstwerks*. Trad. de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 1990.

JARDIM, Antonio. *Música: vigência do pensar poético*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

_____. Quando paixão é filosofia. In: JARDIM, Antônio. *A construção poética do real*. Org. Manuel Antônio de Castro. Rio de Janeiro: 7letras, 2004. p. 91-112.

Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. / Introdução Emmanuel Carneiro Leão. Tradução Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1991.

SARTRE, Jean Paul. *O que é literatura*. Título original: *Qu'est-ce que la littérature?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 2004.